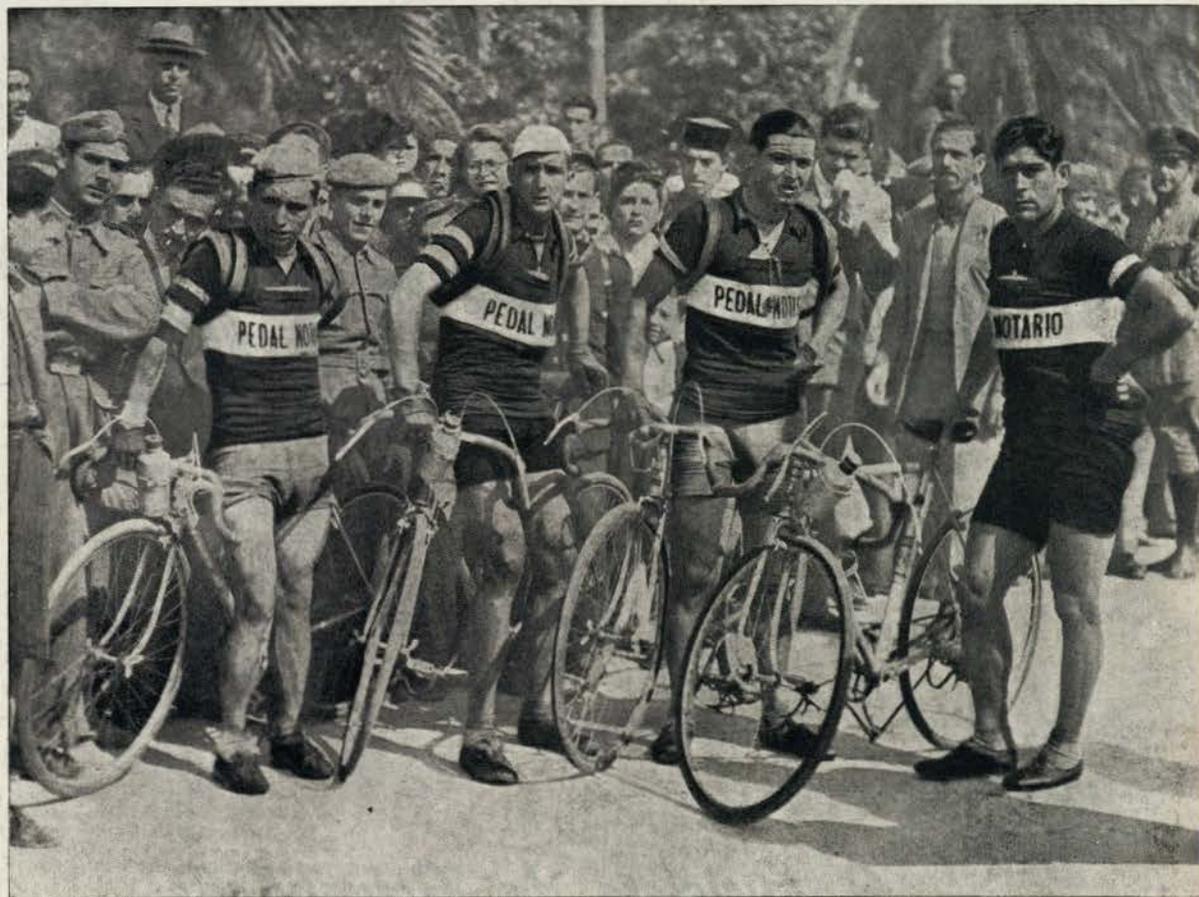


OS PORTUGUESES NA VOLTA A ESPANHA



A equipe portuguesa, após a sua chegada a Sevilha. Lourenço, lutando com horríveis dores nos joelhos, ainda não havia chegado. Rocha, sente-se radiante com a bela prova que fez e Rebelo parece lastimar a sua «mala pata», que lhe não permitiu acompanhar Rocha.

Stadium

2#00



FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

A ILUMINANTE

STAND FLECHA

Largo do Intendente — LISBOA

N.º 181 ★ 22 DE MAIO DE 1946 ★ PREÇO 2\$00



Os valorosos 6 jogadores da defesa olhanense — no principio da época



João da Palma que não poderá jogar alguns dias

O Olhanense fez a sua última viagem a Lisboa neste Campeonato Nacional dos 12 clubes. Subindo gradualmente para a par com o desenvolvimento do campeonato, o Olhanense creditou-se como um caso sério, que os mais fortes receiam e os mais fracos temem. O Estádio Padinha tem constituído barreira difícil e o aguerrido grupo algarvio, mesmo fora de casa, tem sido adversário valioso, forte no conjunto, energético no jogo, com elementos que mereceram durante a época as honras de convocação para a seleção nacional. Cabrita, Salvador, Moreira, Grazina, João da Palma, atingiram plano de real valor, lugar de categoria entre os nossos melhores.

Domingo de manhã, enquanto os jogadores olhanenses passeavam pelas ruas da baixa, tranquilos e serenos, sem pensarem na responsabilidade e no interesse do jogo desse dia com o Belenense, ouvimos-lhe as suas impressões, opinião deste e daquele e as palavras autorizadas do sr. Reinaldo Santos, o tesorero do campeão algarvio.

— Que opinião tem deste campeonato?
— Boa. Prova rija, difícil, sem dúvida. Um pouco infelizes nos resultados mas satisfeitos. Não se deve esquecer que lutamos em circunstâncias especiais, tão afastados estamos dos outros centros. Dispendemos uma soma apreciável de energias nas nossas demoradas deslocações. Porto, Oliveira de Azemeis, Guimarães...

— A situação do clube?
— Bem. Vivendo agora bastante da nossa acção neste campeonato. Muitos mais sócios, muito interesse. Todo o Algarve a nosso lado, mesmo os clubes nossos rivais.

— Financeiramente?
— Situação desafogada. Se bem que 60 a 70% dos jogos deste campeonato nos dão prejuízo. As nossas deslocações fixam-se em 17 contos de despesa e metade dos jogos deste campeonato não cobrem, nem nada que se pareça, esta verba. Mas mesmo assim a prova tem interessado Olhão, o Algarve. Desenvolvimento turístico. Interesse para o comércio local.

O ataque do campeão do Algarve, que demonstrou as suas reais possibilidades neste campeonato



— Tecnicamente, que impressão lhe deixou a prova?
— Se é certo que os nossos jogadores já não disputam o campeonato com o nervosismo de um clube iniciado, o torneio interessou-nos porque forneceu aos nossos jogadores indicações que lhes hão-de servir no futuro. As chamadas aos treinos da seleção nacional, por exemplo...

«No conjunto, também os clubes valem mais do que na época passada. Mesmo os três da vanguarda, Belenenses, Benfica, Sporting, jogaram mais e melhor. O mais fraco talvez, o Futebol Clube do Porto, mas teve as suas atenuantes.

— A posição do Olhanense?
— Satisfaz-nos. Aspirávamos um 2.º ou 3.º lugar, mas o 4.º posto é para nós bastante honroso, apesar de tudo.
— Os rapazes ambicionavam, não um melhor lugar mas uma melhor pontuação. É natural, têm os seus brios...
— Quais são os projectos do Olhanense ao terminar este campeonato?

— Continuaremos com entusiasmo e a melhor boa vontade neste nosso trabalho a bem do desporto algarvio, procurando levar o Olhanense ao mais destacado plano do desporto nacional. Internamente estamos a resolver um dos nossos mais instantes desejos: a nova sede do Olhanense, onde haverá uma ampla sala de ginástica. Adquirimos agora um bom campo de tennis que serve igualmente para nele instalarmos o campo de basquetebol. Nesta modalidade vamos já principiar. As nossas equipas estão prontas para jogar.

E terminando as suas impressões o dirigente olhanense forneceu-nos ainda esta opinião:

— Quando têm de jogar com o Olhanense, todos se preparam sempre para conseguirem um bom resultado. Muita vez lhes temos destruído as intenções, a confirmar o valor do futebol dos rapazes de Olhão e que devem interpretar como um aviso para o futuro.

João da Palma, que um acidente não permitiu alinhar contra o Belenense, está entre o grupo dos jogadores que o Olhanense nos apresenta como bons elementos, e que tudo indica ainda virá a alcançar um lugar no futebol nacional.

Dissenos, há tempos:
— O Olhanense deverá chegar senão ao 1.º, pelo menos ao 2.º lugar, neste campeonato. E espero ter a alegria de o acompanhar sempre, se uma qualquer lesão me não tolher os propósitos.

No entanto a infelicidade tocou-o...
— Nós temos razão para nos classificarmos melhor em que em épocas anteriores. E tinha um grande desejo.

— ?
— Que ninguém passasse em Olhão. Não puderam ser todos, mas alguns ficaram a recordar os seus jogos com o campeão Algarvio...

— Que mais lhe preocupa fazer quando joga futebol?

— Na bola só o que me preocupa é... jogar a bola.

Mas não o pôde agora fazer o excelente jogador do Olhanense. Um acidente estúpido, num tornozelo, impediu-o de alinhar contra o Belenense, e impediu-o por certo de aparecer em vários jogos. Lamentamo-lo. João da Palma é um valor que o bom futebol deseja.

BEBENENSES confirma o seu nível

O futebol e as surpresas da jornada número 21

Crónica de TAVARES DA SILVA



A pouco falta para acabar a Primeira Divisão! Caso curioso, resta apenas uma jornada e ainda há motivos de interesse. Todos os problemas solu-

nados, ou quase todos, mantêm-se a primacial questão, a do título. Como as coisas são! Afinal, o pleito decidir-se-á em Elvas, cujo representante entrou esta época pela primeira vez na prova. E aqui está um exemplo que nos diz que os desafios mais fáceis se podem transformar, por motivos de classificações, nos mais difíceis e importantes.

A 21.ª jornada forneceu os seguintes resultados:

Belenenses .. 6	—	Olhanense .. 0
Sporting 5	—	Elvas
Oliveirense .. 2	—	Benfica
Vitória (G)... 2	—	Atlético
Vitória (S)... 2	—	Académico .. 3
Boavista 3	—	Porto

Dos clubes de Lisboa sômente perdeu o Atlético, e em condições desagradáveis. E' sempre desagradável não ver acabar um desafio. De resto, há muito tempo que estas cenas não se davam...

Além deste resultado de Guimarães, temos mais dois que devemos considerar como *surpresas*, o de Setúbal e o do Porto. A Académica conseguiu levar para Coimbra três pontos, e o campeão do Porto sucumbiu na luta contra o sub-campeão. O desfecho indica melhoria por parte dos vencedores. Se olharmos o caso pelo lado dos vencidos, teremos a outra face.

Pondo de lado a questão do título, e os cuidados que o Belenenses há-de pôr, fatalmente, na deslocação a Elvas, as esperanças do Benfica e o seu posto firme de *segundo*, pelo menos, temos um terceiro e quarto postos sólidos. Entre os 5.º e 9.º as forças estão equilibradas. Zona sem emoção! Os jogadores-estudantes livraram-se definitivamente de apuros na jornada do Sado. Enquanto que o Oliveirense se encontra condenado (a sua descida é automática, assim como a subida do Estoril Praia, o campeão da Segunda Divisão), o Boavista vai jogar as cristas, sem dúvida, com o Famacão. Uma de duas: ou o Porto continuará a ter dois representan-



O esforço de Peyroteol

tes, ou cederá um lugar à região de Braga.

A *classificação geral* acha-se estabelecida do modo que a seguir discriminamos:

Belenenses 36 pontos (72-23 em bolas); Benfica 35 (78-28); Sporting 31 (68-31); Olhanense 25 (60-39); Atlético 19 (34-53); Porto 18 (61-43); Setúbal 18 (45-55); Guimarães 18 (38-48); Elvas 17 (42-76); Académica 15 (46-71); Boavista 12 (39-68); e Oliveirense 8 pontos (21-69 em bolas).

O Belenenses continua a afirmar-se um grupo sólido, em organização



ODOS os encontros em que intervenha agora o Belenenses, têm interesse. Mas se o adversário se chama Olhanense, o interesse aumenta. Serão os algarvios ca-

pazes de fazer escorregar Belém? era a interrogação que palpitava. Afinal... pólvora sem fumo.

O Belenenses alinhou com Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Quaresma, Andrade, José Pedro e Rafael. *Olhanense*: Fernandes, Ricardo, Nunes, João Santos, Grazina, Loulé, Moreira, Joaquim Paulo, Cabrita, Salvador e Palmeiro. É de destacar a ausência de João da Palma, com lesão grave proveniente do treino na semana finda.

Árbitro: José Trindade, de Setúbal.

O encontro teve cara e coroa. Uma primeira parte muito bem disputada por qualquer dos contendores, e um segundo tempo, indesejável, sem graça, de escassos movimentos de ligação. Nos quarenta e cinco minutos de começo, as ofensivas desenvolveram-se num e noutro campo, com rumo e ciência, e as defensivas (a toda a acção corresponde a reacção!) empregaram-se a fundo, pondo grande atenção no que se passava na sua frente.

Os algarvios fizeram-se velozes à bola. Destros do domínio e sabedores no passe, organizaram bem os seus avanços. Todavia, a defesa contrária nunca permitiu as infiltrações mortais. Desta forma, os avançados do Algarve viram-se na necessidade de rematarem de longe, por alto, e nem sempre com direcção, dando certa tranquilidade a Capela, — que parece novamente confiante nos seus recursos.

Pelo contrário, os belenenses, talvez menos rápidos e menos filigranados, souberam eriar oportunidades e transformá-las. É certo que Fernandes, o novo guarda-redes do Olhão, por recurso, encarregou-se de facilitar a tarefa lisoeta pela transformação em *goals* de bolas que, manifestamente, tinham defesa. Mas isso não destrói as características mencionadas. Além de tudo, o *keeper* fez parte do grupo.

No segundo tempo, a *fisionomia* modificou-se, especialmente após a invalidação de uma bola, mal invalidada, e que seria o chamado *ponto de honra*, e bem poderia ser o ponto de partida para maiores cometimentos. Os jogadores resolveram, por decisão fácil, endurecerem um jogo que já vinha a ser duro. O espectáculo deixou de interessar. Se isto é possível afirmar-se — pois há amadores deste género da bola...

Para se fazer futebol de qualidade é preciso, antes de mais

nada, que os praticantes se importem exclusivamente com a bola, e não pensem em *entrada* ao adversário — por um esforço *révanchar* cujas causas muitas vezes existem sômente na sua imaginação exaltada. Depois, não perderem a serenidade... No jogo da bola tem de se reflectir a todo o momento. Quando se conduz a bola e mesmo quando ela está fora da sua alçada. O contrário é andar no campo aos encontros, sem rumo certo e definido, por consequência, numa confusão pavorosa.

Para aquilo que se passou, contribuiu poderosamente o árbitro, que, tendo perdido a autoridade mercê de decisões desacertadas, deixou de ser um orientador para passar a ser orientado. Sucedeu o que tinha de suceder! Os jogadores perderam-lhe o respeito, e algumas decisões levaram tempo a serem acatadas.

O Belenenses não teria feito um resultado tão volumoso caso não se tivesse registado o malogro do guarda-redes algarvio e a lesão de um dos defesas. Mas a vitória não poderia escapar-se-lhe. Venceu o melhor *team* em campo.

As viagens do Benfica e do Atlético



partida de Oliveira de Azevedis é daquelas que se podem ter como muito curiosas! Veja-se o seguinte: o Benfica marcou duas

bolas, e esta vantagem seria o suficiente para dar tranquilidade. Como regra geral, é claro. Porque aconteceu simplesmente esta coisa espantosa, e ao mesmo tempo magnífica: dando provas de admirável tenacidade, e até de confiança em si próprio, o Oliveirense reagiu e deu batalha enérgica. O que foi esse seu período, dizem-no os próprios factos: o campeão de Aveiro conseguiu chegar ao empate, dois a dois. Podia — rezam



Oportuna saída de Azevedo, que não deixa cruzar o jogo alto

Os campeões de Lisboa

estiveram em dificuldade...

as crónicas! — ter ido um pouco mais além, e compreende-se o que vale uma bola nestas condições. Mas a sorte não o favoreceu. Pelo contrário, o Benfica, à sua maneira, cerrou fileiras e caminhou alegremente para o triunfo. Mais um *goal*, e o adversário ainda continuou a lutar. Mais outra bola, e o *inimigo* entregou-se. Para quê, lutar ainda, quando os três pontos já estavam irremediavelmente perdidos? Então, tornou-se fácil ao Benfica engrossar o marcador. E' justo assinalar que o Oliveirense organizou avançadas de bom desenho — impondo-se como *team* valoroso. A classe do Benfica ditou a sentença.

Oliveirense: Teixeira, Henrique, Joaquim, Oliveira, José Tavares, Eurico, Domingos, João

Vitória Guimarães: Machado, Curado, João, Luciano, Garcia, Dias, Miguel, Briosso, Alexandre, Alcino e Arlindo.

Atlético: Correia, Baptista, Ventura, Rosário, Armindo, Morais, Manuel da Costa, José Lopes, Gregório, Rogério e Marques.

Árbitro: Lima e Sá, do Porto.

O Boavista vence o «seu» campeão!



S vaticínios eram todos a favor do campeão, o F. C. do Porto. Mas uma coisa são os *teams* no papel, e outra o jogo na prática!

O Porto jogou razoavelmente

na primeira parte. Dominou no território, e ainda em plano de jogo. Pertenceram-lhe, sem dúvida, os melhores *momentos* desenvolvidos neste tempo. Mas às suas infiltrações faltou — tantas vezes! — o sentido poético, ou acabamento. Quando o Porto chegou ao *score* de dois-zero, tudo parecia indicar que o pleito estava decidido a favor do campeão regional.

Afinal — nada disso. Os *boavistas*, em boa disposição, lançaram-se ao ataque, e da primeira bola passaram para a segunda. Diz-se que por um desliz da defesa, mas o certo é que estes deslizamentos são a coisa mais natural do mundo quando as defesas começam a ser marteladas.

Após o empate, o Boavista dominou de rede a rede, mostrando-se mais homogêneo do que o seu adversário: sólido na defesa e forte no ataque. Tendo desperdiçado várias oportunidades, um pouco por ansia do *goal*, o Boavista ganhou o desafio no último minuto. Venceu quando já não havia apelação.

Porto: Barrigana, Camilo, Guilherme, Alvaro, Alvarenga, Alfredo, Lourenço, Aratújo, Correia Dias, Freitas e Catolino.

Árbitro: Carlos Canuto, de Lisboa.

A vitória lógica dos leões e a surpresa de Setúbal



UERE-NOS parecer que o resultado da contenda do Lumiar, entre um dos *fortes* e um concorrente que quer voar, não poderia ter sido outro! O Elvas empregou-se

tenazmente, como é sua característica, na luta. Começando, mesmo muito bem: vivo e rápido, de jogo ligado e de bom toque. O *goal* elvense inicial é a expressão do seu futebol. Depois, porém, à medida que o encontro avançava, o seu poder diminuía. O desgaste das suas forças era evidente! Por infelicidade, ainda, o Elvas viu-se privado da colaboração de um dos seus defesas, o espanhol, a meio da segunda parte. E o edifício ruuiu por completo...

O Sporting não chegou a assustar-se com o ímpeto dos visitantes. Assentou jogo na altura própria, e desenvolveu-o com arte. Aplicando um novo plano de futebol, o qual consiste, segundo nos informam, e em síntese, em

NÃO podia ter começado melhor — o 24.º campeonato de Lisboa de hóquei em patins! Dificuldades do Ateneu e do H. C. Sintra, ambos «em casa», quase a ponto de consentirem o empate; e empate cedido pelos campeões de Lisboa contra o Benfica! Isto logo na jornada de inauguração... Apenas o Paço de Arcos, em Cascais, com o excelente jogo dos Correlas, e a Académica de Amadora, no Lisgás, puderam sair-se ousadamente e triunfar por margens largas. Não podia, pois, ter principiado melhor este campeonato — que é a 24.ª edição dos torneios regionais do hóquei em patins. Em curiosidade. Em animação. Em interesse pelo seu seguimento. Em ludo — afinal — porque o torneio afigura-se-nos vir a ser disputadíssimo. Pelo menos — há bons auspícios de que assim seja.

A primeira jornada da competição forneceu já indicações preciosas. Entre outras: a «lonjura» a que estão os seleccionados — que foram a Montreux — dos companheiros de equipas... Nota-se perfeitamente a diferença! E mais acentuada ainda porque todos eles foram treinadíssimos, e, na Suíça, puderam fazer elarde das suas magníficas condições físicas e técnicas — justificadamente apreciadas pela imprensa helvética. Mas há mais: três equipas apareceram com «personalidade», predispostas, decerto, a marcarem posição de relevo no torneio — e são elas as do Benfica, da Académica da Amadora e do Campo de Ourique. Para este caso — os consagrados não contem; e de tão habituados que todos estamos a vê-los triunfar sem dificuldades sobre os menos categorizados.

reforçar a linha média — trabalhando um homem para passar de médio ao ataque com relativa facilidade. E' claro que um qualquer sistema teria resultado contra o Elvas, e há que ver a sua aplicação no futuro e em provas reais. De resto, todos os sistemas resultam quando são aptos os praticantes, importando — sim — escolher o sistema mais adequado às qualidades dos jogadores que formam o quadro.

Todavia, não há dúvida que a defesa sportinguista manteve a sua organização, e que a *avançada* se movimentou com mais destreza e um maior sentido das realidades.

Sporting: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Veríssimo, Barros, Juvenal, Jesus Correia, Sidónio, Peyroteo, Roque e Albano.

Elvas: Semedo, Rana, Sanz, Alcobia, Rebelo, Fernandes, Morais, Massano, Ameixa, Aleixo e Quim.

Árbitro: Libertino Domingues, de Setúbal.

A Académica não arrancou, por sorte, exclusivamente, o seu triunfo em Setúbal. O seu jogo foi em

Mas há muito ainda a fazer: por exemplo — ampliações dos *rinks*, no que respeita à instalação para o público; acomodações reservadas, especialmente a jornalistas; educação da assistência, no capítulo técnico, a fim de que se não verifiquem apreciações menos certas; uniformidade de critério nas arbitragens — e, especialmente, composição por parte dos jogadores, de companheiro para companheiro e de adversário para adversário. E' preciso não esquecer que, em 1947, se disputam em Lisboa os campeonatos do Mundo e da Europa. Até lá — há muito a fazer. E o trabalho perlene a todos. Desde que seja bem ordenado — e em conjunto — pode e deve resultar eficiente.

O Paço de Arcos vai jogar a Espanha. E' a primeira equipa de clube que se desloca para o estrangeiro. Com o grupo, que segue no sábado para Barcelona, onde jogará, bem como em Sabadell, Rens, Gerona, e, possivelmente, em Madrid, no regresso, vão também, especialmente convidados, o dr. Ayala Botol, inspector do desporto da modalidade, e o capitão Santos Romão, presidente da F. P. de Petingem. Esta viagem — que esperamos seja de completo triunfo — vai servir para demonstrar aos espanhóis que em Portugal se joga o hóquei em patins *de verdade*; e pode contribuir para estabelecer um intercâmbio benéfico aos dois países, no campo desportivo, tão necessário quanto interessante. E por que se não aproveita a circunstância para negociar um Portugal-Espanha — ainda na temporada em curso? A altura parece-nos excelente.

Jorge Monteiro

geral de melhor qualidade do que o seu adversário. Este actuou com energia e vontade, é certo. Mas desgastado e confusamente. Muita jogada para o ar, e correrias atrás da bola. Enquanto que, do lado académico, consciência no passe como resultante de domínio e toque perfeito de bola. Deste modo, justifica-se o seguinte: O Vitória, no seu domínio territorial, não deu a sensação de perigo que se registava quando o seu adversário, em triangulações, o visitava. E estas incursões foram relativamente numerosas.

Que a Académica jogou com serenidade e confiança — não nos restam dúvidas! Um *team* que, ganhando por 2-0, consente o empate e consegue ainda o triunfo — não vence por acaso. Esta é que nos parece a verdade a extrair do campo dos Arcos.

Vitória Setúbal: Acácio, Montês, Soeiro, Pacheco, Pina, Figueiredo, Campos, Nunes, Ataz, Rendas e Cardoso Pereira.

Académica: Jaques, Messias, Mário Reis, Lomba, Brás, António Maria, Angelo, Azeredo, Garcia, Taborda e Bentes.

Árbitro: João dos Santos, de Lisboa.



Semedo, numa defesa a soco, evita uma bola

Tavares, Manuel Santos, Zeca e Armando.

Benfica: Martins, Cerqueira, Artur Teixeira, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Mário Rui, Arsenio, Júlio, Joaquim, Teixeira, e Rogério.

Árbitro: Domingos Miranda, do Porto.

Um desafio só está ganho quando soa a *apitadela derradeira*, mesmo quando parece que o adversário não tem forças para modificar um resultado. Vem isto a propósito do que se passou no novo campo de Guimarães. É que uma jogada fortuita, ou um lance afortunado, poderá mudar por completo a face das coisas, e aquilo que nos parecia claro transformar-se em escurecido.

O Atlético dominou intensamente durante toda a primeira parte. Aplicando o seu sistema com rigor, — galgou com relativa facilidade a barreira defensiva dos rapazes de Guimarães. Estes deram-se à defesa — por imperativo do adversário. Todos os seus ataques, melhor, as suas tentativas morriam ao nascer. Todavia, e apesar de toda a vantagem territorial, os lisboetas marcaram uma *bola solitária*. E ficaram-se por aí...

No segundo tempo, embora os lisboetas continuassem a afimar uma superioridade indiscutível, o rumo do jogo modificou-se, e o *team* de Guimarães, mesmo com duas lesões, começou a ameaçar. Da ameaça à execução — vai um passo. O empate verificou-se, e o empate nestas circunstâncias representa vitória. E a vitória também veio, numa bola discutível, originando o conflito que provocou a saída do campo dos *atléticos*.



«Manolete» deve chegar esta semana a Lisboa, se o deixarem as meninas norte-americanas que até à cama lhe iam pedir autógrafos...

(da revista «Life»)

Corridas de Coiros Diamantino VISEU dominou no Campo Pequeno

A corrida

O sol decidiu-se, com algumas nuvens escuras no céu, e o público também, sem claros, nas bancadas.

Diamantino Viseu, de roxo e ouro, e com luto por «Gallitos», entrega a farpa ao cavaleiro, e ouve palmas. Nuncio, num dos seus belos cavalos Veiga, dá guerra ao 1.º do sr. José Guerra, negro e bonito, que não deixa colocar-se o cavaleiro, com a vista desparmada e os passos incertos. Para a capa de Procópio investe bem, e João Nuncio aproveita a primeira passagem para cravar a 1.ª farpa, com vista e calma. O touro agora escarva, com a cabeça no chão, e arranca inesperadamente. Nuncio aproveita outro alto para uma boa farpa de frente e deixando-se ver outro arrancada de que o cavaleiro sai quase comprometido. Agora é Francisco Gonçalves que usa da capa, e o touro investe com tal codicia que até resvala na areia abundante desde as últimas chuvas. Um curto, fazendo tudo o cavaleiro, Palmas à inteligência, e a Procópio que desenha uma série de «chicuelinas». Justiniano Gouveia manda pegar e

com vista à pega, que os de Matias executam bem. O touro salta e entra por suas patas e sem ajuda na porta dos sustos, para os toureiros. Chamada e volta do cavaleiro e do forçado, com oferta dum ramo de flores.

Sae um desembolado com a divisa branca e verde, nervoso, e Diamantino tanteia-o. Garcia intervem por farolito. E Diamantino agarra as bandarilhas. Música e um par espantoso, valente, alegre e gracioso, rimando bem, e outro idem, idem, idem. Ovação. Com as bandarilhas em X ou T, outro par memorável. Uma saída em falso, oportuna e graciosa. Intervenção aplaudida de «Niño de la Palma». Saída em falso, por decisão do grande bandarilheiro, e para final, outro par grande, grande!

Ovação grande também. Diamantino brinda ao eminente poeta espanhol Adriano del Valle e começa por alto com vista e valentia, parado e mandando. Outro, deixando-se tocar, continua por ajuda dos valentísimos, tanto que o touro o empurra, e Cayetano Ordóñez intervem. Mandando por baixo, aguenta derrotas em perseguição, sem perder a cara, enorme. Um passe de maestro, com a direita e com cabeça de toureiro inteligente. Outro com a direita, aguentando como o melhor — leia-se Manolete — e de «piton a piton», tocando-os, continua até ao impossível, até o público assustado, pedir um final, já tão aturdido que até se esqueceu de aplaudir como merecia o bom e valente toureiro.

Sai um «colorado» olhos de perdiz, bonito o ladrão! José Garcia aproveita-o bem com a capa, em nortes variados, Palmas. Diamantino dá dois lances bons, de frente, por detrás, e repete, valente, valentíssimo, e toureiro, toureiro! Ovação, que o público já respirou e começa reconsiderando no grande mérito do toureiro dos Anjos, e pede mais Viseu quando o touro começa a ser bandarilhado, mas o incomensurável bandarilheiro não pode aceder ao bicho que lhe não pertence.

Nesta altura, por um brinde de José Garcia, é descoberto nas bancadas Gregório Garcia, e ha quem aplauda mais que a descoberta do Brasil ou do caminho

(Continua na pág. 15)

António Martins dá cumprimento à ordem com valentia e aguentando com energia os energicos derrotos. Ovação grande, e ao cavaleiro que se recusa modestamente a acompanhar o forçado na volta à arena.

Paquito Mascarenhas, como lhe chamam em Espanha, esperra o 2.º guerreiro que até salta nos capotes e investe para a 1.ª farpa, aplaudida. Outra farpa bem aproveitada. Palmas. Outra, com toque Um curto de passagem. Palmas. Outra na presença natural. Ovação. Outro, por toque de chamada, que o cavaleiro bem sabia que o touro não estava para mais. Como o touro se mostra avilador, é pegado à volta em boa cernelha. Bom grupo o de Matias, apesar deste ter sido mal ajudado no 1.º touro. A casaca e as jaquetas dão a volta à arena.

Cegarra apresenta o praticante Raimundo, de Santarem, que escolheu na vacada da Casa Prudêncio um touro de vinte arrobas. E, depois de bregar a duas mãos e a uma, crava um par bom e outro idem, e mais meio, uma saída em falso, e outra, e «m nova tentativa é colhido e pisado junto às táboas, recolhendo à enfermaria sem estrago de maior.

Um arranjo no difícil piso, e sai um negro do sr. Oliveira. Dobra bem, e Diamantino deixa-o passar melhor numa «verónica» e depois noutras de que sai mal parado, mas sem perder a boa calma. Agarra nas bandarilhas à sua característica maneira, em X ou T, e crava um par monumental, levantando bem os braços. Palmas. Uma saída em falso, e um par fazendo tudo o grande bandarilheiro que se chama Diamantino Viseu e termina com outro enorme, aguentando bem. Ovação. Com a «muleta» começa toureiro, inteligentemente, por baixo, dobrando bem. «Niño de la Palma», sempre bregando bem. Diamantino faz o que deve fazer com tal touro, e como nem todos o comprehendem, toca as hastes e acaricia o testur. Simula com a mão, muito bem, e ouve palmas justas, compreensivas.

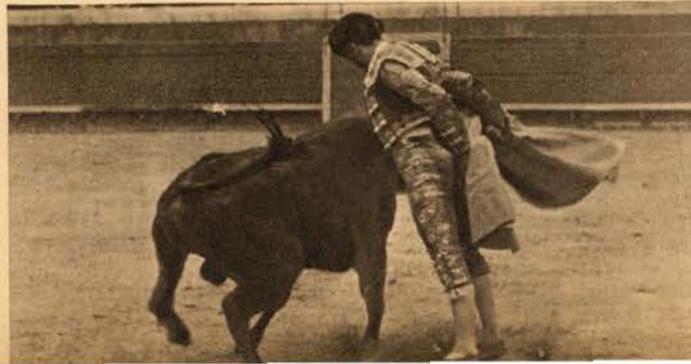
Sae outro desembolado para o mexicano José Garcia que se estira em tres «verónicas» e depois por «chicuelinas». Palmas. Diamantino intervem com tres «verónicas» estatuárias e meia boa. Palmas. José Garcia remata de frente por detrás. Bandarilhado por um português e um mexicano da quadrilha de Garcia, passa às mãos deste que brinda ao público e começa por alto, deixando investir o touro que passa bem. Com a direita e depois com a esquerda, e até com «molinetes» aproveita o touro que é ideal, e ouve palmas e dá a volta.

Após o interva sae outro do sr. Guerra para o sr. Nuncio que monta outro bolo Veiga. A primeira farpa, o cavalo escorrega, mas recompõe-se sem maior precalço. A 2.ª é de castigo, com recarga e toque. Um curto, fazendo tudo o cavaleiro. Voltas à roda do bruto que a nada se move. Tentativas para outro curto, mas mais curto é o touro de bravura. Aninhando o manso, crava e há palmas. Mais voltas animadoras, mas distração e uma arrancada do manso que agarra o cavalo. O touro foge decididamente aos esforços do cavaleiro que desiste. Derrotas de manso numa tentativa de cernelha, com forçado para a enfermaria, e por fim consuma-se a sorte com sorte, já convencido o manso.

Outro da mesma origem para D. Francisco de Mascarenhas que brinda ao público e crava a 1.ª farpa, e depois outra aplaudida, e outra idem. Um curto também palmeado, e outro melhor, ovacionado. O público pede outro e o cavaleiro dá-lhe satisfação em sorte à volta. Ovação. Procópio entra a funções

O português sabe o que faz: Diamantino ou Manolete?

Diamantino é um toureiro! Gaona alargava mais o capote?



O Boavista ganhou ao Porto



Barrigana defende com oportunidade, carregado por Armádo



Uma oportuna entrada de Alvarenga, médio reserva do Porto



Oscar foi um guarda-rede seguro. Aqul o demonstrou mais uma vez

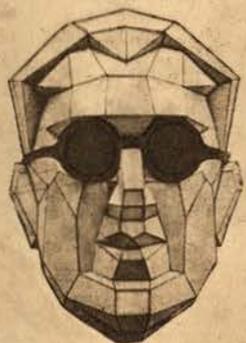


O guarda-rede do Boavista lança-se aos pés de Correia Dias

O ATLETICO em Guimarães

Em primeiro lugar, a jogada que provocou um lamentável incidente. Correia foi empurrado — e surgiu o 2.º «goal» do Vitória. Em baixo, à esquerda:

A defesa do Atlético em apuro. À direita: — Outra defesa enérgica de Correia



GIL OCULISTA

FUNDADA EM 1865
Deposítaria das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão

138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 2 2929 LISBOA



A volta de Ricardo Cabot

O desacordo de interpretação regulamentar que deu motivo à demissão global dos federalistas espanhóis do futebol, foi a crise que decidiu uma situação latente de frieza de relações e disfarçado conflito com o organismo superior do desporto.

A oportunidade foi imediatamente aproveitada para completa remodelação das esferas orientadoras do jogo da bola, pois aos directivos cessantes se apontavam responsabilidades por nunca haverem cuidado da reforma e actualização dos regulamentos, que ainda são hoje idênticos aos que há dez anos elaborou, com um critério a que o tempo se encarregou de fazer justiça, um dirigente de inulgar categoria: o secretário geral Ricardo Cabot.

Pois, segundo informações que nos chegam por via merecedora da maior confiança e que, talvez, ao serem publicados estes comentários, estejam praticamente confirmadas, Ricardo Cabot vai regressar ao desempenho do seu antigo cargo.

Depois de concluída a guerra de libertação, fora afastado da federação por efeito de medidas gerais, inevitáveis, mas aplicadas com desgosto, porque no seu país

só contava amizades e admirações.

Com o rolar dos anos, as circunstâncias mudaram e o seu nome, sempre recordado com saudade, voltou a ser falado com insistência e o seu regresso era, para todos, uma certeza que esperava apenas pela ocasião propícia: a que agora chegou.

Os desportistas portugueses podem congratular-se pela nomeação de Cabot para o secretário geral da federação espanhola; contam assim um partidário sincero do estreitamento de relações luso-espanholas e, sobretudo, beneficiam da presença em lugar de preponderante responsabilidade de alguém que limbra pela sinceridade nas suas afirmações e pelo respeito dos seus compromissos.

Embora se não conheçam ainda os nomes de todos os futuros dirigentes da F. E. F., cujo presidente, sr. Rivero Menezes, é uma individualidade de alta categoria, desportista da velha guarda e considerado das maiores competências da nação vizinha em matéria de seguros sociais, pode contar-se como certa uma nova orientação da política da bola, além da ansiada actualização de regulamentos, considerada indispensável ao progresso e desenvolvimento do futebol em Espanha. Ricardo Cabot volta para o organismo superior para remodelar a sua própria obra, na qual nenhum dos sucessores ousou intervir durante os nove anos do seu ostracismo. Damos-lhe as boas vindas, como a um amigo comprovado.

Unidade de comando

No discurso que proferiu na festa do Centro Especial de Ginástica da Mocidade Portuguesa, o sr. capitão Celestino Marques Pereira preconizou, em conclusão das suas bem fundadas considerações, o estudo da «forma de entregar a um só organismo a orientação de toda a educação física da juventude», apontando os inconvenientes da situação actual de atribuições dispersas, porque «onde todos mandam e a responsabilidade é de muitos,—não manda ninguém e a ninguém cabe a responsabilidade».

Tem razão, às carradas, o distinto professor, e o seu ponto de vista, expresso com uma concisão lapidária, não é, no entanto, novo nem inédito; conhecem-no todos aqueles que lidam mais de perto com estes problemas da educação física e sobre ele muitas vezes se tem chamado a atenção de quem comanda. O próprio capitão Marques Pereira tem insistido, em escritos e palavras, sobre esta necessidade de unificação.

Podemos considerar presentemente três grandes organizações oficiais com poderes independentes sobre a aplicação das normas de educação física no seu campo de acção: Mocidade Portuguesa, Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho e Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar. Todo o embaraço solucionatório está em

decidir a qual entregar o predomínio orientador.

Ao problema da unificação orientadora, que é sobretudo de responsabilidade no cumprimento dos preceitos adoptados, deve ligar-se um outro de idêntica importância, como é o da unidade doutrinária, ainda por estabelecer no nosso país, porquanto são dois — e antagónicos — os métodos ginásticos oficialmente reconhecidos.

A resolução deste estranho paradoxo, que é mais paradoxal na aparência do que na realidade, porque um dos métodos tende a desaparecer por si próprio, só pode ser entregue ao único organismo com capacidade técnica existente em Portugal, o Instituto Nacional de Educação Física, que depende regulamentar e disciplinarmente da Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar.

Não jaria sentido partir ao meio a solução que tão justamente o sr. capitão Celestino Marques Pereira quer uma, total e absoluta.

As circunstâncias e os factos indicam pois que o organismo orientador único e responsável deverá ser a Direcção Geral, dotada dos meios necessários para o desempenho de missão assim difícil; evidentemente se manterá íntegra a independência de aplicação das duas outras grandes organizações nacionais, mas haveria uma Direcção Geral a dirigir de facto na generalidade.

As iniciativas da «Stadium» no campo do Problema devem talvez o seu êxito à orientação que temos procurado imprimir-lhe, no sentido de interessar novos e consagrados, atraíndo os primeiros e fazendo progredir os últimos.

O concurso que hoje anunciamos vinca bem a atenção que nos merece a causa dos novos, que reconhecemos por vezes ingrata. As suas tentativas passam, na generalidade, despercebidas nos torneios a que concorrem, vencidas pela experiência dos consagrados, não obstante o mérito que não lhes pode ser negado, em vista do esforço e espírito desportivo de que dão claras provas.

Cremos que a organização dum torneio dedicado exclusivamente a principiantes e iniciados lhes facultaria o estímulo para prosseguirem tão difícil caminho, como é o da composição artística do Xadrez.

É este o objectivo que temos em vista no III Concurso de Problemas da «Stadium», a que não faltará, para o valorizar mais ainda, o cunho de prova internacional. A admissão de originais é extensiva a concorrentes espanhóis, em atenção à bela cooperação que nos têm prestado os problemistas do país vizinho. Também admitimos gostosamente os trabalhos dos novos compositores brasileiros, — cuja causa se assemelha à nossa, e com quem desejáramos manter

as melhores relações, dadas as afinidades que ligam os dois países irmãos.

A competição deve observar o seguinte regulamento:

O torneio é reservado a compositores portugueses, espanhóis

O III CONCURSO DE PROBLEMAS DA «STADIUM»

Um torneio para principiantes e iniciados

e brasileiros, que não tenham obtido, até 30 de Setembro de 1946, quaisquer prémios ou distinções em outros concursos. Exceptam-se concursos especiais ou particulares, que, no entanto, deverão ser mencionados, para resolução ulterior.

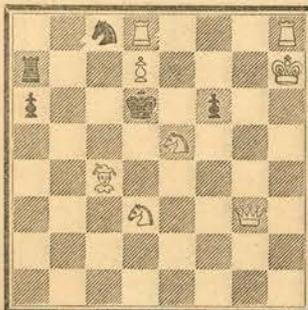
Se eventualmente um concorrente obtiver qualquer distinção durante o período de recepção de originais, deverá informar o secretário do concurso, escolhendo entre a devolução dos originais ou a permanência dos mesmos no concurso, sem direito a prémio.

Admitem-se apenas problemas inéditos, mate em dois lances, tema livre e limitados a 3 por autor. Deverão ser enviados em diagrama ou notação Forsyth, com solução completa, nome, morada e LEMA, no secretário do concurso, sr. Vasco Casimiro dos Santos, Praça das Flores, 15-1.º, Lisboa — até 30/9/46.

O júri será composto por um problemista português e outro espanhol, a designar posteriormente. Serão atribuídos 3 prémios, menções honrosas e recomendados. As classificações serão obtidas mediante a soma de pontos dos dois relatórios. Somente se publicará os problemas classificados.

«SEM LEMA XIII»

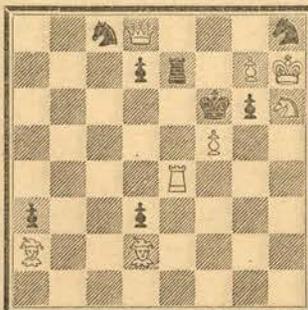
Concurso Internacional Stadium



2 X

«SEM LEMA XV»

Concurso Internacional Stadium



2 X

Sempre se efectua o Portugal-Espanha?

1 Diga-se o que se disser, o Portugal-Espanha é o jogo que apaixonou e que mais nos faz vibrar. O jogo que queremos ganhar!

As negociações entre as duas Federações para a efectivação do grande encontro, esta época, têm passado por várias alternativas. Até agora, de positivo, há isto: — os espanhóis não vêm a Portugal.

E, no entanto, quando as esperanças pareciam perdidas de todo, renasce a esperança, com fundamento, do desafio vir a realizar-se. Antes assim. O futebol português aguarda com verdadeira ansiedade a visita do futebol espanhol!

Um árbitro suíço para o Portugal-Irlanda

2 Por acordo entre as Federações portuguesa e irlandesa, foi escolhido um árbitro suíço para dirigir, no Estádio Nacional, a partida entre os dois países.

A Suíça, não querendo designar um juiz de campo (lá como por cá deve andar a chamada *política desportiva* metida nestes casos!), indicou três nomes, e desses três escolheu-se o conceituado árbitro Wartburg, de Berna. O nome de Scherz, já nosso conhecido, era o primeiro da lista referida.

Virá a Lisboa o famoso Sevilha?

3 O Belenenses anda em negociações para trazer a Lisboa o Sevilha, campeão espanhol da Primeira Liga, o clube treinado por Moncho Encinas, que, na época passada, esteve entre nós, pelas funções desempenhadas no Real Madrid.

Os dois clubes estão de acordo, importando, porém, a autorização das entidades responsáveis, cá e lá. Para tratar do assunto deslocou-se dentro de dois ou três dias a Madrid um director do Belenenses, e, por convite especial, o sr. dr. Salazar Carreira, inspector dos Desportos e nome brilhante da «Stadium». Parece que estamos já a ver o Sevilha na relva das Salésias...

O campeão da Itália jogará contra o Belenenses?

4 O Bolonha, campeão de Itália, desloca-se a Madrid em meados do próximo mês, tendo reforçado ainda o seu grupo com internacionais. Este jogo deverá servir os objectivos do seleccionador espanhol, Luiz Passarin, com vista ao Espanha-Irlanda.

Mas o Bolonha pretende também vir a Lisboa e jogar contra o Belenenses. Pelos vistos, os ares portugueses estão a ser apetecidos!

Um treino curioso em boa orientação

5 O Sporting treinou há dias com o Atlético. Não se tratando, propriamente, de uma inovação, parece-nos um processo inteligente de treino. Aproveitaram, certamente, os dois clubes, cada um tomando do outro aquilo que lhe falta.

MUNDO da BOLA

JORNALISTA desconhecido

A SELECÇÃO PORTUGUESA TREINA AMANHÃ

Jogadores consagrados e elementos novos prestam as suas provas

RECOMEÇARÁ amanhã a preparação do grupo nacional de futebol. Depois da realização do Portugal-França, o Seleccionador, nosso prezado chefe da Redecção, continuou na sua fase de observação. Porventura meditando também um pouco sobre vários assuntos que se prendem com a formação do *team*. Ainda passando em revista as críticas feitas ao referido desafio internacional, para delas extrair a matéria aproveitável.

Tendo deixado passar os desafios mais importantes do campeonato de Primeira Divisão, isto é, o período em que os treinadores andavam mais preocupados, sujeitando os seus homens, certamente, a treinos minuciosos e intensos, ou então a uma disciplina mais forte, o Seleccionador nacional resolveu iniciar amanhã, no Estádio Nacional, o novo período de preparação — com vista ao Portugal-Irlanda, que se disputará a 16 de Junho.

Foram convocados 31 jogadores, alguns deles chamados pela primeira vez a treinos. Por clubes:

Benfica — Cerqueira, Francisco Ferreira, Moreirz, Rogério, Espírito Santo, Mário Rui e Arsénio.

Sporting — Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Peyroteo e Albano.

Belenenses — Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Serafim, Quaresma, e Rafael.

Atlético — José Lopes.

Estoril — Mateus.

Porto — Barrigana, Guilhar e Araújo.

Boavista — Cajado.

Académica — Ângelo.

Elvas — Patellino.

Oliveirense — João Tavares.

Olhanense — Grazina, Salvador e João da Palma.

Parece-nos clara a intenção do Seleccionador nacional. Ele poré em frente do Grupo Nacional, tal como entrou no Estádio, da última vez, um *team* à base de jogadores que ultimamente se têm revelado, ou que ele julga em forma ou susceptíveis de aproveitamento. Não quer isto dizer que não fiquem ainda de fora desta vasta lista alguns nomes de mérito, e de possível chamada no futuro.

A distribuição dos 31 elementos, por lugares, é a seguinte e não deixa de ser uma visão curiosa:

Guarda-redes — Azevedo, Capela e Barrigana.

Defesas — Cardoso, Feliciano, Manuel Marques, Cerqueira, Guilhar e Vesco.

Médios — Amaro, Francisco Ferreira, Serafim, Moreira, Mateus, Grazina e José Lopes.

Anacondados — Rafael, Araújo, Peyroteu, Quaresma, Rogério, Espírito Santo, Salvador, Mário Rui, Arsénio, Patellino, Cardoso, Albano, Ângelo, João Tavares e João da Palma.

Mais interessante do que a constituição do *team* português, aliás, já conhecido, deve ser a do grupo que se lhe opõe. Com os elementos convocados parece-nos haver, mesmo, possibilidades de organizar conjuntos diferentes em cada parte.

Entre os jogadores convocados pela primeira vez para acontecimentos desta natureza figuram os nomes de Mário Rui, Cajado, Ângelo, e João Tavares, não referindo outros que intervieram apenas fugidamente. Trata-se de rapazes que, nos seus grupos, têm afirmado personalidade, mas uma coisa é a cor local e outra o ambiente do Estádio Nacional. Estas provas servem como imagem da adaptação do jogador às condições de luta.

É forte de dúvida que o Seleccionador Nacional não irá aproveitar todos os elementos convocados. Seria manifestamente impossível! Mas ir adaptando a pouco e pouco os jogadores que, no futuro, têm possibilidade de envergar a *camisola das quinas* parece-nos de boa orientação, assim como se vinca a ideia de que os valores não deixarão de ser aproveitados, estejam onde estiverem. A única condição exigida é ter *fundo* de jogador.

Com a Comissão Administrativa da Federação de Futebol reuniu-se na passada segunda-feira o Seleccionador. Não sabemos, em pormenor, o que foi versado nesse reunião. Mas tudo leva a crer que os assuntos tratados se referissem à *parte administrativa*, chamemos-lhe assim, da selecção portuguesa de futebol. As forças estão novamente desencadeadas. Vem aí o Portugal-Irlanda.

CORRE QUE...

A nova direcção da Federação Espanhola já tomou posse. Como sabemos, os dirigentes que abandonaram o poder não mantinham lá muita simpatia pelos assuntos portugueses...

♦♦ O novo (novo-velho) secretário geral da Federação Espanhola, Ricardo Cabot, é um sincero amigo do futebol português.

♦♦ Os dirigentes da Federação Portuguesa têm-se avistado com altas entidades oficiais, tratando de assuntos que se prendem com o Organismo.

♦♦ O Benfica não perderá de vista o assunto do seu campo. O sr. Ministro das Obras Públicas indicou um terreno, entre Carnide e Benfica, como solução.

♦♦ O Sporting foi mal recebido em Olhão, por causa de negociações entabuladas com jogadores algarvios.

♦♦ Os «leões» preparam-se activamente para a Taça de Portugal.

♦♦ O treinador Severiano Correia sempre ficará no Atlético.

♦♦ A deslocação do Porto ao Brasil, a verificar-se, deve ser lá para Agosto.

Há resposta para tudo...

P. 369 — Entre José Lopes e Grazina, qual é o melhor no seu posto?

P. 370 — Tenho um amigo que afirma ser o Feliciano o melhor defesa da Península, mesmo melhor que Aparício. Pode ser?

P. 371 — Cabrita não será tão bom como Andrade? (De Alberto Oliveira Sousa).

R. 369 — São questões difíceis de resolver. Grazina é mais ardente; José Lopes mais científico.

R. 370 — Temos também a impressão de que não há actualmente, na Península, melhor do que Feliciano.

R. 371 — Cabrita é um jogador feito, e Andrade a esperança de um grande jogador.

P. 372 — Quem terá maior remate: Peyroteo ou Araújo, do Porto?

P. 373 — Jesus Correia não poderá fazer parte da selecção no próximo desafio? (De José Soares Vinhas, um sportinguista de Braga).

R. 372 — Porque não faz a pergunta de outra forma: Quem tem marcado, ou marca, mais bolas?

R. 373 — Lá poder — pode...



Peyroteo acaba de marcar um dos seus 4 «goals». Semedo está no chão — bem batido

Boa vitória do **SPORTING**



A bola satu por alto. Muito por alto...



O 5.º «goals» de Peyroteo e do Sporting foi marcado assim...

A ACADÉMICA venceu em **SETUBAL**



O guarda-rede setubalense Acacio teve trabalho constante e acertado. Nesta jogada conseguiu antecipar-se a Bentes, um jogador de boa fibra, mas os avançados da Académica acabaram por vencer. A boa actuação de Acacio não conseguiu evitar a derrota do seu clube



A' esquerda — o 2.º «goals» dos setubalenses. Rendas executou bem o remate, e a boa vontade de Jacques não chegou para o evitar. A' direita — uma antecipação na defesa setubalense resolve um complicado ataque dos estudantes





Feliciano foi passado por Cabrita. Mas... a bola não encomodou Capela



Armando tem a bola ao alcance de remate



José Pedro em acção: A bola vai para Andrade, mas Nunes interrompe-lhe a marcha



Uma boa jogada de Cabrita, que Feliciano e Amaro observam

a subida firme **do BELENENSES**

O remate forte de Andrade não impressionou a defesa algaroia — bem colocada



Toda a energia posta na devolução da bola. Os avançados belenenses aguardam a sua queda no terreno

OS ASES MUNDIAIS

dos 800 aos 10.000 metros

CONCLUÍMOS hoje, com a referência às provas de meio-longo e de longo, o enquadramento dos melhores resultados mundiais na história do atletismo.

Esta quarta lista difere essencialmente das precedentes, porque dela desaparece a predominância americana, para dar lugar à supremacia nórdica europeia, tanto mais acentuada quanto mais longas as distâncias referentes.

Nos 800 metros (1.000 p., 1 m. 52s.) ainda aparecem nos primeiros lugares alguns nomes norte-americanos. A marca mundial pertence folgadoamente ao fenómeno alemão Harbig, com 1 m. 46,6s. (1173 p.), vindo a seguir o campeão Inglês Wooderson, com 1 m. 48,4s.; em terceiro lugar figura o negro americano Woodruff, o homem cuja incomensurável passada assombrou no estádio olímpico de Berlim, com 1 m. 48,6s., e depois o dinamarquês Sorensen, com 1 m. 48,9s.

Até ao 1 m. 50s., registamos mais: Eastman (E. U.) e Lanzi (Itália), 1 m. 49s.; Liljekvist (Suécia) 1 m. 49,2s.; Storskrubb (Finlândia) 1 m. 49,3s.; Robinson (E. U.) 1 m. 49,6s.; Cunningham (E. U.) 1 m. 49,7s.; Hampson (Inglaterra) e Wilson (Canadá) 1 m. 49,8s.

Passemos aos 1.500 metros, aos quais a tabela internacional atribui 1.000 p. para 3 m. 54s.; é esta uma das distâncias onde maiores progressos se registam nos últimos anos, pois dos 22 resultados inferiores a 3 m. 50s. que conseguimos reunir, quinze foram obtidos nas três últimas épocas.

O recorde mundial, 3 m. 43s. (1161 p.) é do sueco Gander Haeg, e seguem-se-lhe: 3 m. 44s., Anderson; 3 m. 46,2s., Persson; 3 m. 47s., Strand, todos também suecos; 3 m. 47,8s., Lovelock (Nova Zelândia) e Ahlsten (Suécia); 3 m. 47,9s., Mehl (E. U.); 3 m. 48,2s., Gustavsson (Suécia); 3 m. 48,4s., Cunningham (E. U.) e Wooderson (Inglaterra); 3 m. 48,6s., Szabo (Hungria); 3 m. 48,8s., Bonthrom (E. U.) e Jansson (Suécia); 3 m. 49s., Beccali (Itália) e Spangert (Suécia); 3 m. 49,2s., Lado ou Lague (França) e Kellarne (Suécia); 3 m. 49,4s., Venske (E. U.) e Hansenne (França); 3 m. 49,8s., Malmberg e Eriksson, suecos; 3 m. 49,9s., Romani (E. U.).

Em complemento de informação, acrescentaremos que os recordes sul-americanos de meio-longo são: 1 m. 53,4s. para os 800 metros e 3 m. 54,4s. para os 1.500 metros, ambos pertença do chileno Holdobro.

Na corrida da légua (1.000 p., 14 m. 45,1s.), os suecos e finlandeses ocupam os primeiros 13 lugares; Gander Haeg na vanguarda com 13 m. 58,2s. (1.185 p.), em seguida os finlandeses Maeki, 14 m. 8,8s. e Heino, 14 m. 9,6s.;

o sueco Hellstrom, 14 m. 15,8s.; três outros finlandeses, Pekari com 14 m. 16,2s., Lehtinen com 14 m. 17s. e Salminen com 14 m. 18s.; Anderson (Suécia), 14 m. 18,2s.; Iso Hollo (Finlândia), 14 m. 18,6s.; Jonsson, 14 m. 18,8s. e Jacobsson, 14 m. 19,8s., suecos; Hoeckert (Finlândia) 14 m. 22,2s.; Dunkfeld (Suécia) 14 m. 22,8s.; o polaco Kasocinski, 14 m. 24,2s.; o argentino Ibarra, e o sueco Tilman, 14 m. 24,8s.

Resta a indicação para os 10.000 metros, prova em que os finlandeses se agramam na vanguarda em compacto pelotão: Em 19 marcas inferiores a 30 m. 20s., onze pertencem a atletas da Finlândia, incluindo a melhor de todos, 29 m. 35,4s. (1127 p.) por Heino. As outras dez são:

29 m. 52,6s. por Maeki, 30 m. 4s. por Salminen, 30 m. 6,2s. por Narmi, 30 m. 7,6s. por Tuominen, 30 m. 10,6s. por Pekari, 30 m. 12,6s. por Iso Hollo, 30 m. 15s. por Lehtinen, 30 m. 15,6s. por Askola, 30 m. 16s. por Karki e 30 m. 19,4s. por Ritola.

Os corredores de outros países que se intercalam são: o alemão Syring com 30 m. 6,6s., o húngaro Szilagy com 30 m. 9,4s., o polaco Kasocinski com 30 m. 11,4s. e os suecos Jacobsson 30 m. 12s., Tilman e Heinstrom 30 m. 15,2s., Olstbrink 30 m. 18s. e Pettersen 30 m. 19,4s.

O recorde sul-americano, em 1944 (últimos elementos que recolhemos), pertencia ao argentino Ibarra com 30 m. 36,8s.

O Campeonato Provincial da Mocidade

OS campeonatos provinciais da Mocidade, celebrados sábado e domingo passados na pista do Lamiar, tiveram escasso interesse e reduzida participação; os resultados foram, na generalidade, bastante fracos e os elementos habilitados escassearam consideravelmente, tomando em referência o lote médio dos anos precedentes.

Três das provas do programa não se disputaram por ausência de concorrentes e sete outras tiveram um único participante presente. Nas restantes, deve-se à falta de representação do Colégio Militar a animação que as provas tiveram; os restantes Centros, somados, não apresentaram mais do que uma trintena de rapazes, entre os quais todos os participantes nas corridas de meio longo e longo.

As provas da série A, rapazes com menos de 19 anos de idade, foram as mais concorridas e animadas, aquelas que nos revelaram alguns possíveis valores para o nosso atletismo.

São dignos de citar: Aguiar Câmara, que tirou o dardo além dos 40 m. e saltou os 6 m. em comprimento (só lhe faltou um centímetro, mas dizem-nos que tem ultrapassado, largamente,

aquela marca); os corredores de velocidade Pereira Lemos e Manuel Dore, o saltador Moraes e o lançador Ferreira da Costa, todos os citados pertencendo ao Colégio Militar.

Na série dos mais velhos destacou-se o consagrado Sebastião Camões, o lançador Cardoso, que nos deixou boa impressão, mas tem muito que aprender e o eclético Martins Correia, quatro vezes campeão.

Não se compreende facilmente a razão por que resultam assim escassos os resultados do porfiado esforço da Mocidade Portuguesa para divulgar entre os seus filiados o interesse pela prática do atletismo.

Mantêm-se numerosos instrutores espalhados pelos Centros escolares e, no entanto, não aparecem os concorrentes: provavelmente por falta de instalações próprias, possivelmente também desvio dos praticantes para os núcleos de ensino clabistas, melhor apetrechados.

Haveria vantagem, parece-nos, em fazer disputar os torneios da M. P. algumas semanas mais cedo, distanciando-os das provas oficiais associativas.

Também merece reparo a determinação regulamentar que consente ao mesmo participante alinhar num só dia em 4 provas, sendo três corridas e um concurso, o que se afigura exagerado.

Para atletas mais velhos e melhor formados, a Federação determinou no ano passado que fosse de três apenas, com o máximo de duas corridas, o número de provas em que pode tomar parte, na mesma sessão, o mesmo atleta.

Salazar Correia

José de Eça

Condições de assinatura

Custo por número . . .	2\$00
3 meses, Esc.	26\$00
6 » » »	52\$00
12 » » »	104\$00

O Torneio de Wimbledon

OS famosos campeonatos de ténis de Wimbledon principiam a 24 de junho próximo e terão o mesmo carácter internacional que antes da guerra. Apenas serão excluídos a Alemanha, o Japão e a Itália de participarem no torneio.

Os Estados-Unidos enviam uma embaixada muito notável, com Jack Kramer, Tom Brown, Budge Patty, Bill Robertson e Pancho Segura. A Austrália concorre com Dennis Pails, Geoffrey Brown, H. C. Hopman e Jack Harper. A França faz-se representar por Yvon Petra, Pierre Pelizza e Gremillet.

Também se apresentará uma formidável equipa de senhoras americanas, à frente das quais figuram Paulina Betz, Margaret Osborn e Doris Hart.

A inscrição fecha no dia 3 de Junho, impreterivelmente.

**A TAÇA DAVIS
Resultados
da zona europeia**

PARA apuramento do país da zona europeia que jogará contra o vencedor da zona americana ou do Pacífico, a França derrotou a Inglaterra por 5 vitórias a zero, sobressaindo a actuação de Petra e Pellizza. A Espanha perdeu contra a Suíça por 2 vitórias a 3 e a China dominou a Dinamarca sem dificuldade.

A Suécia, graças sobretudo a Bergelin, ganhou à Holanda por 5-0 e a Bélgica dispôs do Principado do Mónaco.

O campeonato do Mundo dos semi-pesados

LONDRES foi mais uma vez teatro dum campeonato mundial de boxe. Desta feita, o pugilista americano Cres Lesnevich, de origem russa, detentor do título dos semi-pesados, combateu contra Freddie Mills. Os dois primeiros assaltos pertenceram francamente ao visitante, que derrubou o inglês por alguns segundos. Depois, reagindo notavelmente, Mills atacou com a maior das violências e abriu uma ferida enorme no sobrolho do americano. A batalha parecia ter pendido de modo claro a favor do desafiante, apesar da clássica e óptima esgrima do seu antagonista. Por fim, no décimo assalto, quando menos se supunha que o resultado decisivo estivesse por pouco tempo, Lesnevich atingiu bruscamente o estomago de Mills e a seguir estoqueou-o no maxilar, abatendo-o por nove segundos.

Mais três quedas, a última das quais violenta, obrigaram o árbitro a suspender o combate e a conceder a vitória ao americano. Apesar da derrota, Freddie Mills não desmereceu na opinião da crítica, que vê nele o futuro campeão de Inglaterra de todas as categorias.



NOTA DA SEMANA

A mais importante e romântica das velhas tradições inglesas é o Derby de Epsom Downs, que emparelha em notoriedade com a sumptuosa catedral de Westminster, com a rendição da guarda do Palácio e ainda com os característicos e saborosos fish and chips.

Nesse dia glorioso, o flegmático cidadão britânico perde o juízo por completo e vai em caravana pelas estradas reunir-se e concentrar-se nos baixos de Epsom para observar a famosa competição.

É um dos dias mais populares da vida inglesa, essa quarta-feira em que alguns poldros de três anos percorrem o traçado da ferradura escolhido pelo Conde de Derby no ano de 1780.

Pouco depois do local da partida, o terreno sobe e no cimo nasce uma curva brusca, difícilíssima: o Tattenham Corner. Depois, vem a descida abrupta, que apenas cessa a poucos decâmetros do poste de chegada. O trajecto total não é longo: escassa milha e meia, mais cinco jardas. Parece ridiculamente curto, mas as dificuldades naturais exigem grande dose de velocidade, resistência e fôlego aos animais.

Há um rição inglês traduzindo claramente a tragédia: «foi-se abaixo na curva». Teve origem na corrida do Derby, porque é na Tattenham Corner que os cavalos inferiores dão logo de si.

No dia do Derby toda a gente bebe a jundo, sem moderação, como não há quem deixe de apostar. Os pobres, arriscando os 6 pence da ordem num palpite secreto, os curas (que durante todo o ano barafustaram nos sermões contra o vício da aposta...) jogam dez libritas no «seu preferido», e até os mendigos amealham pelo ano fora para estar em dia com esta obrigação nacional absolutamente inglesa.

Rezam as crónicas que um lorde fez transportar uma vez, no seu belo coach, cem mil libras autênticas para tentar a sorte num cavalo. Vendera todos os bens e estava dominado por uma fé inabalável, mas consta que regressou a pé, a alojá-lo na mansão de um parente.

Os ciganos, com trojes multicolores e exóticos, fazem grande alarido e negócio, segredando aos crédulos o nome do cavalo que palpita. Ao lado dos gentlemen, de coco e fraque alvado, é simbólico ver a multidão menos endinheirada, mas igualmente absorvida pelo famoso acontecimento.

Nesse dia, são quinhetas mil pessoas garantidas que tomam posições nas colinas, para ver a grande batalha desportiva.

O próprio Rei de Inglaterra pernoita em Windsor e, como verdadeiro inglês, vive o ambiente febricitante da prova. O Epsom Grand Stand Association, que orienta a arrumação do público e dos transportes, trabalha a todo o vapor para levar a bom termo a sua tarefa e arrecadar as importâncias de estacionamento nos parques das viaturas.

Entretanto, pergunta-se qual ganhará: se o poldro Khaled, se Happy Knight ou Radiotherapy, se um outsider inesperado e desconhecido. No fundo, o dia 5 de Junho será outro marco milenário a atestar os tradicionais sentimentos e costumes do povo inglês.

R. B.

«Os Dois mil guinéus»

A primeira das cinco provas hípias, clássicas, da presente temporada: «Os 2.000 guinéus» realizou-se em Newmarket (Inglaterra), no dia primeiro de Maio.

Os três favoritos, Gulf Stream, Khaled e Aldis Lamp ainda não tinham corrido juntos nem haviam sido vencidos. O primeiro destes poldros pertence a Lorde Derby, o segundo ao milionário maometano Aga Khan e o último a Lorde Astor.

A corrida, cujo traçado ocupa a extensão de uma milha (1.609 metros), é reservada a animais com 3 anos. Disputou-se no percurso denominado Rowley Mile e terminou de modo imprevisito. O vencedor foi o poldro Happy Knight, de Sir William Cook, e

num ápice se tornou favorito do próximo Derby d'Epsom.

Khaled ficou em segundo, a quatro comprimentos, e Gulf Stream classificou-se em 4.º lugar.

As corridas em Inglaterra

UM novo favorito para a corrida do Derby surgiu na quinta-feira, por ocasião da corrida Newmarket Stakes. O cavalo vencedor, Radiotherapy, dominou amplamente o lote e cota-se agora tão bem como Happy Knight, o grande favorito de alguns dias atrás.

Khaled, outro poldro de que se diz muito bem, não participou na prova. Em compensação, Aldis Lamp e Fleet Street demonstraram ter pouca classe, perdendo sem luta o primeiro lugar.

A corrida, efectuada num percurso plano de uma milha e um quarto, teve como prémio mil libras.

O torneio do «STAR»

APÓS brilhante exibição, talvez a melhor dos últimos dez anos, no dizer da crítica, Henry Cotton conquistou o primeiro prémio (300 libras) do torneio do jornal Star.

Cerca de 5.000 pessoas assistiram ao modo magistral como derrotou Alfredo Padgham, recente vencedor do concurso organizado pelo Daily Mail, e Artur Lees, campeão do condado de York.

Durante o torneio teve de jogar 100 covas — 36 na competição eliminatória e 64 nos desafios finais. Contra Padgham perdeu uma única cova e duas no desafio com Lees.

O total dos prémios atribuídos atinge mil e quinhentas libras.

A Inglaterra ganha à Suíça por 4 bolas a 1

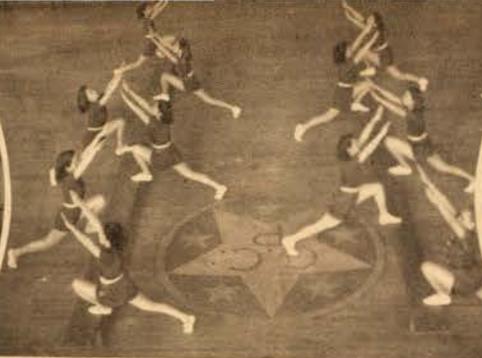
A vitória do grupo representativo da Associação de Futebol Inglesa, conseguida pelo expressivo resultado de 4 bolas a 1 sobre a equipa nacional suíça, veio demonstrar mais uma vez que os insulares são difíceis adversários jogando em casa.

O encontro realizou-se no campo do Chelsea, em Stamford Bridge, assistindo 75.000 pessoas. Durante a primeira parte os visitantes fizeram uma excelente demonstração, desorientando os ingleses com o emprego de um dispositivo original da linha dianteira e pela sua grande rapidez. Não houve tentos marcados nesses quarenta e cinco minutos, mas, apenas decorriam doze minutos de jogo na segunda parte, Friedlaender furou as redes de Swift.

Os ingleses, apáticos até esse momento, reagiram em massa e daí a nove minutos empatavam, com um tiro de Carter disparado a 18 metros. Nove minutos mais tarde, Brown marcava segundo tento de cabeça; sete minutos depois era Lawton que atirava imparavelmente a 26 metros e a quatro minutos do termo da partida Carter marcava pela última vez.

Carter, Lawton, Swift, Hardwick e Franklin foram os melhores ingleses; do lado suíço, distinguiram-se Gyer, Steffen e Ballatic.

— A Escócia, jogando contra o mesmo grupo suíço, conseguiu vencer por 3 bolas a 1 no Hampden Park de Glasgow.



O Ginásio Clube Português vai exhibir-se em MADRID



A ginástica portuguesa vai sair mais uma vez a nossa fronteira, conduzida pelas duas selecções do Ginásio Clube Português e do Lisboa Ginásio Clube, os magníficos Institutos de Educação Física. Apresentar-se-á em Madrid nos dias 1 e 2 de Junho, mas receberá antes, no dia 24, depois de amanhã, em Lisboa, uma outra selecção apresentada por Andrés Schwartz, antigo professor do Ginásio Clube e hoje na capital espanhola.

Nesta página apresentamos hoje as classes que o velho Ginásio deslocará para Madrid, e breve nos reportaremos também às do Lisboa Ginásio. A nossa Revista não passa despercebida a valerosa acção dos populares agrupamentos, como de todos que procurem contribuir para o reinvigoração físico da nossa Raça.

Aqui podem ver-se, ao alto, dois exercícios de Fernando Ferreira e Maria Luisa Rodrigues Teles, a classe de senhoras e o seu professor, o sueco Kurt Joanhson, e outro exercício de conjunto desta equipa de ginástica educativa; a classe de homens e um seu exercício em paralelas e a direcção do prestigioso clube.

Todos os atletas que apresentamos fazem parte da selecção que representará o Ginásio em Madrid. Interessante será dizer que a ginástica se aprende desde criança. Numa foto acima, podemos apreciar 4 senhoras que começaram nas classes infantis do Ginásio, com poucos palmos de altura, e foram alunas de Schwartz: — Aurora Dias Teixeira, Maria Luisa Rodrigues Teles, Eunice de Almeida Coelho e Marla Helena Rijo da Fonseca. Apenas lhe falta, por não ter comparecido no dia desta reportagem, Marla Angelina Vaz Guerra, — uma admirável ginasta, com certeza dos melhores produtos do Ginásio Clube. Hoje — como as suas colegas, uma senhora.





O Sporting Clube de Luanda, campeão do provincia, que tem como treinador o antigo jogador do Académico e do Sporting, Eliseu Cavalheiro



O Boavista, do Porto, tem uma filial em Luanda. E' o S. Paulo F. C.



«Faisca» é o segundo da esquerda. Enverga ainda a camisola do Sporting



José Travassos, que venceu «Faisca», comanda o pelotão

O popular Faisca e a actividade desportiva em LUANDA

A provincia de Angola, e especialmente a sua capital, Luanda, esforçam-se constantemente pela boa marcha do desporto. Revelamos isso neste página, onde podem ver-se alguns bons grupos de futebol, uma equipa de vela da «Mocidade Portuguesa» e de um grupo especializado, e duas fases de uma prova velocipedica, em que tomou parte «Faisca», o consagrado José de Albuquerque da «Volta a Portugal».

JOSÉ DE ALBUQUERQUE, o «Faisca», que se encontra entre nós há cerca de um mês, numa conversa que tivemos com ele após uma corrida, conta-nos as suas impressões sobre Luanda, a razão porque perdeu as 30 voltas à pista do Estádio Municipal, aos Coqueiros, e o que pensa fazer de futuro nesta colónia.

Essa troca de impressões que aqui arquivamos com bastante prazer, principalmente pela lealdade de «Faisca», que poucas vezes temos visto nos meios desportivos, vamos-la transmitir aos nossos leitores.

Antes, porém, queremos frizar que ele não só lutou contra um clima muito diferente do da metrópole como ainda nunca supôs encontrar um grupo de rapazes entusiastas pelo ciclismo, capazes de, num periodo relativamente curto, se dedicarem de alma e coração a esta modalidade para bem representar as cores da capital de Angola.

— Então Faisca, gosta da cidade?
— Muito. Fiquei encantado. É uma cidade moderna, lindíssima.
— A prova de domingo não lhe correu como era seu desejo, não é verdade?

— Olhe meu amigo. Nem sempre os grandes ganham. A bicicleta em que corri não me auxiliou e alem disso a falta de treinos que não tive tempo para fazer, prejudicou-me imenso. Em resumo, perdi porque tinha que perder, porque fui eu o único culpado. Nunca devia ter corrido sem me ter preparado.

— Há quanto tempo já não tomava parte em competições?
— Depois de ter saído da tropa, isto é, após ter cumprido a minha vida militar, apenas tomei parte numas provas em que por sinal fiquei mal classificado, como não podia deixar de ser, visto não me ter treinado, tambem.

— Gostou de ver os nossos rapazes?
— Gostei. Embora não possuam aquela experiência e tática que os bons ciclistas têm, eles demonstraram grande força de vontade e muita resistência, principalmente o Armando Data, um novo cheio de qualidades.

— E o público?
— Portou-se optimamente. Não tenho a mais pequenina razão de queixa. Pelo que ouvi dizer todos contavam com a minha vitória, ainda mesmo quando já levava volta e meia de atraso. Tenho por isso uma grande dívida em aberto para com ele e espero poder liquidá-la o mais breve possível.

— Vai realizar-se nova prova de ciclismo?
— Ao certo não sei nada. Ouvi falar nisso. A realizar-se pode crer que hei-de preparar-me convenientemente para ganhar. Não quero de forma alguma perder a confiança que o público demonstrou ter por mim.

— O que pensa fazer em Angola?
— Em principio tenho projectada uma viagem pelo sul da colónia, onde irei apreciar o desenvolvimento desta modalidade de que tanto me falam e possivelmente organizar algumas provas.

Depois dis o — continua o nosso entrevistado — penso abrir em Luanda, uma casa de bicicletas e seus acessórios para o que vou entrar em negociações com uma firma de Lisboa.

— Como sabe, realiza-se este ano na metrópole a célebre Volta a Portugal. Tenciona tomar parte nela?

— Tudo depende das circunstâncias do momento. No entanto, estou convencido que poderei ir disputá-la. Aguardarei com grande interesse, a confirmação oficial da noticia.

Luanda, Abril de 1946



A equipa de vela da Mocidade Portuguesa, e a do Nun'Alvares,

na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

O SPORTING Clube de Colmbrões, e não o Leixões Sport Clube, por lapso indicado campeão, conquistou o título regional de juniores. Sinceros parabéns. O simpático clube de V. N. de Gaia, que já pertenceu à Divisão de Honra da A. F. P., não deixou de trabalhar ardorosamente, depois de afastado do campeonato. Soube conduzir-se com brio, e aqui está a prova: ganhou o campeonato, apresentando uma equipa de jovens que prometem.

♦ O VASCO DA GAMA perdeu em Lisboa, contra o Benfica, uma admirável oportunidade. Se neste jogo não mereceu ganhar, como nos dizem, não há dúvida de que é indiscutível o valor da sua equipa de basquetebol. Paciência. O simpático clube da Rua de Alexandre Herculano não deixará por certo de trabalhar, cada vez mais, de olhos postos no seu futuro.

É uma colectividade briosa e saberá demonstrá-lo quando for preciso.

♦ NA FEDERAÇÃO Portuguesa de Basquetebol ficou tudo por menos, quanto ao protesto do Estrela e Vigorosa. A entidade máxima ouviu a palavra autorizada do árbitro, e o seu membro do Conselho Técnico, nosso camarada Alves Teixeira, deu o parecer definitivo, com indiscutível imparcialidade.

Chega-nos a propósito a informação segura de que o vice-presidente da Federação se demitiu, antes de ser resolvido este caso. Não influiu, portanto, nem pró — nem contra. O Porto ficou também sem representação nas Federações de Basquetebol e de Ciclismo, visto que, sendo o mesmo senhor vice-presidente destes organismos, solicitou igualmente a sua demissão.

Segundo declarou a pessoa amiga, não deseja pertencer, definitivamente, a organismos directivos.

♦ SO nos dias 24 e 25 teremos basquetebol nesta cidade. O F. C. do Porto e o Belenenses jogarão no primeiro dia; e o Vasco da Gama-Belenenses, no segundo dia. O antigo campeão nacional e de Lisboa solicitou aos dois clubes portuenses alteração nas datas, a fim de jogar os dois encontros em dois dias, e ambos concordaram o mais desportivamente que é possível.

♦ O PORTO foi batido em Lisboa, pela selecção de andebol de Capital, por 5-4. Segundo os críticos, a formação portuense foi dominada e bem vencida. Precisamos, não há dúvida, de trabalhar um pouco mais. E, além disso — de manter a modalidade no melhor caminho, livrando-a de atrições, de questões prejudiciais e irritantes.

JÚNIORES

ESTA época foi bem disputado o campeonato regional de juniores em futebol. Concorreram equipas da cidade, de Matosinhos, de Vila Nova de Gaia, do concelho de Gondomar. O torneio disputou-se em 3 séries, ganhas por um clube do Porto, outro de Matosinhos e outro de Gaia, e pode ver-se que está lançada a competição.

O Porto já lucrara muito com as antigas competições infantis. De lá saíram Valdemar, Acácio, Pedro Temudo, Carlos Mesquita, Óscar de Carvalho, Julinho, Albino Luzia, António Soares, Manuel Fonseca, Carlos Nunes, Francisco Ferreira, Lopes Carneiro, — vários deles «internacionais». Por isso mesmo, devem as colectividades da cidade do Porto entusiasmar-se com as suas equipas de juniores.

Toda a atenção é pouca. Todos os cuidados são merecidos, tanto mais que o futebol portuense carece de uma renovação eficaz e séria. Viu-se agora que alguns juniores prometem chegar brevemente aos quadros de honra. Cuidem disso os principais clubes portuenses, que mais ano menos ano podem completar os seus quadros com elementos da melhor categoria.

A Associação de Futebol, louvavelmente, medalhou há dias os vencedores das séries. Isso nos indica também o seu propósito de ajudar, de contribuir para que os jovens progridam.

Muito bem. Multíssimo bem. Os juniores do Porto não correspondem com a sua melhor vontade.

Está apurado o campeão corporativo portuense



O desporto corporativo teve sempre no Porto muitos admiradores. Centro industrial e comercial importante, não surpreende que assim aconteça. Antes de existir, mesmo, a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, já várias empresas possuíam as suas equipas e fomentavam o desporto com a melhor das vontades.

Entre as que desde há muitos anos procuram corresponder à ideia de desenvolver os desportos entre os seus empregados, conta-se a Fábrica Cerâmica do Carvalhinho, cujo grupo de futebol publicamos em cima. Integrada na F. N. A. T., conseguiu o importante estabelecimento fabril ganhar novo título regional: — o de futebol. Ver-se-á a equipa em Lisboa, onde vai disputar o campeonato máximo, e por certo dará boa conta de si.

Um professor de ginástica



JOSÉ PRIETO

A ginástica, no Porto, teve a sua época. Há uns anos, o Sport Clube do Porto, exibindo-se frequentemente no Palácio de Cristal, chamou muita gente aos ginásios, e todos se deliciavam com um espectáculo cheio de alegria, saudável, — um espectáculo que convidava à repetição.

E muitas vezes se repetiu. Ao esforço do Sport Clube juntou-se o de outras colectividades. Embora as classes não aparecessem frente a um público já interessado e fiel, sabia-se que o Fluvial, o Académico e o F. C. do Porto, por exemplo, se dedicavam a esta modalidade.

O esforço de Armando Tschopp, um técnico respeitadíssimo, era bem compreendido. Pelo público e pelos concorrentes. Mais tarde, Brito Junior continuou a sua obra. Presentemente, o espanhol José Prieto, cuja fotografia publicamos, faz o possível por manter os créditos da colectividade. Mas, quanto a seras, nada de novo. Nem ao menos se provoca a visita dos consagrados Ginásio Clube Português ou Lisboa Ginásio, — para nos ficar uma ideia do quanto vale a Educação Física, até como espectáculo.

Também existiram no Porto dois clubes femininos especializados. Mas desapareceram, infelizmente. O exemplo de Helena de Sousa Martins foi lamentavelmente esquecido, e embora o Sport Clube tenha ainda animo para lutar, não há dúvida alguma sobre a falta de ambiente.

Não seria oportuno organizar no Coliseu do Porto, por exemplo, um grande espectáculo de ginástica, fazendo deslocar para esta cidade as equipas do Ginásio Clube e do Lisboa Ginásio, que na próxima semana se exibem em Madrid? Talvez fosse a maneira de criar gosto pelo mais adorável dos desportos.

Oxalá possamos voltar aos bons tempos do Sport. E aos bons tempos de Armando Tschopp, nome que não se limitava a ensinar o muito que sabia; — era um pralante devotado de várias modalidades desportivas, com a preceção, com os alunos, nos campos, sempre bem disposto.



O corredor Manuel Rocha em conversa amigável com o nosso redactor, Fernando Sá

VOLTA A ESPANHA

MANUEL ROCHA

refere-se à corrida e aos corredores...

MANUEL ROCHA, um dos ciclistas portugueses que disputava a «Volta a Espanha», regressou a Lisboa. Os ferimentos ocasionados por uma queda, ao concluir a etapa Badajoz-Sevilha, obrigaram o corredor a desistir a meio do percurso Granada-Boza. Nessa altura o ciclista da «Iluminante» tinha já percorrido 1.200 quilómetros.

Ouvimos-lhe à chegada, entre palavras pesarosas pela infelicidade que o não deixou concluir a prova, as impressões da grande corrida ciclista.

Manuel Rocha vem muito bem impressionado com a organização, que classifica de excelente e cuidadosa, tanto no aspecto técnico como no de assistência ao ciclista.

— Iria até ao fim — declarou-nos — se bem que a prova exija muita coragem e grande espírito de sacrifício. Tem de se pedalar com inteligência e não esquecer todos os pormenores de desportivismo, que nesta corrida consistem elemento valioso. E note-se que este aspecto rodeia absolutamente todos os corredores da «Volta». Boa camaradagem.

— Que opinião tem das equipas?

— Os espanhóis, bons amigos e camaradas. Dello, Barrendero, Langarica, Manolo Costa e Gaol, distinguiram-se. Os holandeses formam equipa de valor. São esplêndidos nas rectas, mas fraquejam nas subidas. Lambrechts e Van de Woerde são grandes ciclistas.

Os saúdos constituem equipa muito anida, defendem-se e ajudam-se mutuamente, mas são fracos.

— E os portugueses?

— Excelente comportamento. Entre todos tem reinado constantemente magnífica camaradagem. Temos lá um grande corredor: João Rebelo. É o mais enérgico, o mais duro e o mais veloz de todos os corredores da «Volta». E riço que se farta. E digo isto sem facciosismo. Não se pode imaginar o que foi a sua recuperação após o acidente que lhe

entravou a sua posição logo de princípio nos primeiros lugares. Mas devemos tê-lo entre os cinco primeiros.

João Lourenço melhora em cada etapa, defendendo-se com brio das dificuldades que lhe causam os seus joelhos. A sua vitória na etapa de Mércia foi uma prova do que ele é capaz de fazer nesta «Volta». Foi prémio merecido o entusiástico beijo de uma graciosa espanhola com que o brindou logo ao cortar a meta...

Jorge Pereira dá-nos esperança e é bem visível a sua subida na classificação. Aristides tem feito uma prova regular. Rebelo e Lourenço são dois bons companheiros. O primeiro tem a sua carga a alimentação e o Lourenço é o chefe da equipa, sempre atento e sempre pronto a dar conselhos. Machado da Costa e o mecânico Dinis Silva completam o grupo português, que tem honrado a sua presença na dura prova velocipedica.

— Que lugar esperava alcançar?

— Devia classificar-me até o 15.º

— Quais os cinco primeiros que julga ver classificados no final?

— Berrendero, Langarica, Dello, Manolo Costa e João Rebelo.

— Teve pena de não poder continuar?

— Grande desgosto. Sentia-me em magníficas condições físicas. No entanto, quando regressi ao meu lar, tive um valioso prémio. Uns minutos antes minha mulher brindava-me com um garotinho...

Manuel Rocha, que em 1938 disputou a sua primeira corrida, pelo Benfica, já envergou também a camisola do Campo de Ourique, de onde veio para o Desportivo de «A Iluminante». Está confiante nas suas possibilidades, animado do melhor entusiasmo e vai continuar a sua preparação, pois que, como nos garantiu, o seu título de campeão de Lisboa de amadores, há de ser valorizado com outra volta à Espanha e espera colar-se aos primeiros em todas as provas deste ano no nosso país.

Promete-nos este rapaz. E nós acreditamo-lo.

F. S.

BASQUETEBOL

PARA concluir o campeonato nacional de basquetebol faltam apenas dois jogos, a efectuar no Porto: F. C. Porto-Belenenses e Vasco da Gama-Belenenses. Qualquer deles, porém, não altera a classificação, isto é — não tira o título ao Benfica, vencedor no último domingo, em Coimbra, contra o Sport, por 44-25.

A vitória final do Benfica pode aceitar-se, deve mesmo considerar-se justa. O conjunto encarnado comportou-se valorosamente, em casa e fora. Perdeu no Porto com o Vasco da Gama, mas pôde melhorar o resultado em Lisboa, e de tal modo que lhe servirá possivelmente para bater por superior «goal-average» os seus adversários do Norte.

O comportamento do Vasco da Gama foi digno das suas responsabilidades. Pode conseguir o mesmo número de pontos do campeão, se bater o Belenenses, que, nesta ponta final, naturalmente estropeado da viagem a Espanha, não deu provas do seu valor real. A equipa portuense, pelo seu sistema de jogo elegante, deixou a mais favorável das impressões.

Sucedea o mesmo com o segundo do Norte, o F. C. Porto, que ainda no último sábado bateu o Atlético, em Lisboa, por 40-36. Os azuis brancos possuem uma equipa jovem, capaz de subir com a entrada de elementos criados no seu ambiente.

Na sua última exibição em Lisboa deu-se um caso interessante: os cinco que principiaram concluíram o jogo, o que denuncia bom trabalho de preparação. Também lhes pertenceu sempre o comando do marcador, só uma vez chegando o Atlético ao empate, feito após uma reacção enérgica. Os portuenses perturbaram-se um tanto, mas o esforço notável dos irmãos Veigas veio a garantir-lhes a vitória por 4 pontos de vantagem.

No último posto do campeonato alinha o Sport Comimbriense e dele não sairá, evidentemente. O Sport, a despeito de um ou outro resultado interessante, foi nitidamente o mais fraco dos concorrentes.

SEPARATA: Biografias Desportivas

Corridas de Touros

(Continuação da página 4)

Marítimo para a Índia. Muñoz Crespo goza, porque o caminho da temporada é o de Gregório, que Viseu vai para Espanha.

Está valente com a «Muleta» José Garcia, a quem tocou outro touro suave. «Madrileño» sofre um susto, e o mexicano continua de joelhos e de pé, como quer, que o touro tudo consente. Há um desarme, mas a tarde vai avançada e Garcia simula a morte. E acabou-se em bem.

Juízo crítico

— O maior touro da tarde foi o da Casa Prudência; dos lidados a nome do sr. José Guerra, os melhores couberam a D. Francisco de Mascarem, sobretudo o primeiro, e, dos de Oliveira Irmãos, os de José Garcia, suave o primeiro, e o mais bonito de todos o último, o «colorado, ojo de perdiz». A João Nuncio couberam dois mansos, e os de Diamantino arrefeceram depressa, «aplanandose o 1.º pela extensão da lide; o segundo por sua natural condição.

Assim, aos dois cavaleiros couberam os problemas ao que melhor os podia resolver, permitindo ao segundo luzir a sua juvenil alegria. E quase o mesmo aconteceu aos novilheiros, consoante as possibilidades do estreado em Portugal, o mexicano José Garcia, e as do português que nós já apreciámos em Espanha e que desejamos que para lá volte depressa, que lá é que pode aprender e desenvolver-se. Se por cá ficar, corre risco de se perder como a outros tem acontecido, e de não ser reconhecido nem petos de casa. E seria lastimável, porque Diamantino Viseu tem excepcionais condições para nos honrar em Espanha. Não fomos dos

que logo lhe profelizaram o êxito seguro. Tememos até pela sua apresentação em Sevilha, apesar de o termos antes visto em vários «lunaderos». Mas desde que o admirámos na «maestránja», e depois na estreia no Campo Pequeno, acreditámos nele.

Não somos dos mais fáceis em nos entregarmos assim a um toureiro incipiente, mas também não queremos ser dos eternos Velhos do Resleto, que a colégas toureiros novos negam o pão e o sal. Sal, «salero» tem Diamantino, personalidade, inteligência e valentia e só com os bandarilheiros, se mais não fizesse, pode ganhar fama e dinheiro em Espanha.

A «Manolete» ouvimos semelhante afirmação, no domingo, confirmada pelo bom aficionado que é o insigne poeta Adriano del Valle. E os colégas críticos de Sevilha escreveram no em termos bem expressivos e calorosos. E, senão, a quantos toureiros temos visto parar-se assim tão valente com os touros, com a «muleta» e até com a capa, ainda que com esta não esteja ainda bem inteirado, a quantos?

E a quantos vimos bandarilhar assim, de poder a poder, e em todos os terrenos, com estilo tão pessoal e impressionante, levantando tão bem os braços e guardando-se tão bem, até com aquele salto característico que é o seu selo, a quantos? E a quantos vimos vestir tão bem de toureiro, e estar tão tranquilo na arena, e andar tão à vontade entre os touros, sem lhes perder a cara, sem tirar um reflexo, até nas mais inesperadas arrancadas, a quantos?

Amigos, a este rapaz há que animá-lo agora. E não o neguem, mesmo antes do tempo.

«Estamos?» Bueno!

«El Terribel Pérez»



Disputou-se o campeonato militar de handball. Eis a equipa vencedora: — A Defesa Anti-Aérea



A equipa de «rugby» do Atlético, vencedora do campeonato de Lisboa



Vida DESPORTIVA



O conjunto de basquetebol do F. C. do Porto exibiu-se no sábado em Lisboa, e deixou a melhor impressão. É um grupo de futuro. O Atlético, seu valoroso adversário, perdeu por 40-35, após um jogo renhido e bem disputado



Em cima: um «star» vencedor orgulhoso da «Flamula Azul». Em baixo: um aspecto do banquete dedicado aos praticantes da vela, vendo-se o sr. Comandante Tenreiro na cerimónia de entrega de uma taça

Em cima: A equipa ciclista que se classificou em 1.º lugar do 2.º circuito da F. N. A. T.; organizado no último domingo. Em baixo: Tavares da Silva, do C. T. T.; vencedor absoluto da prova Corporativa



No óquei em patins temos as nossas tradições. Dignas muito dignas. O campeonato de Lisboa já começou a disputar-se, e numa das últimas jornadas a Académica da Amadora venceu no seu próprio «rink» o conjunto do Desportivo Lisgás.

Os campeonatos da Mocidade Portuguesa organizou os seus campeonatos de atletismo: Uma fase da corrida de 3x60 metros



A gentil

Maria da Conceição,

do Ginásio Clube

Português,

numa prova de Tiro

ao arco.



Stadium